



NOME:	
DATA:	Trabalho de Recuperação – 2º Trimestre
TURMA:	DISCIPLINA: REDAÇÃO
PROFESSOR (A): ISABELA CATRINCK	VALOR: 10,0
ASSINATURA DOS PAIS E/ OU RESPONSÁVEIS:	NOTA:

ROTEIRO:**TEXTOS NARRATIVOS****ELEMENTOS DA NARRATIVA****NARRATIVAS DE HUMOR**

O bisavô e a dentadura

Sylvia Orthof

Eu ouvi esta história de uma amiga, que disse que isso aconteceu, de verdade, em Montes Claros, Minas Gerais.

Para contar a história, é preciso imaginar uma velha fazenda antiga. Dentro da fazenda, uma vetusta (socorro, que palavrão!) mesa colonial, muito comprida, de jacarandá, naturalmente. Em volta da mesa, uma família mineira. Por cima da mesa, tudo que mineiro tem direito para um bom almoço: tutu, carne de porco, linguiça, feijão tropeiro, torresminho, couve cortada bem fina... e eu nem posso descrever mais, porque já estou com excesso de peso, só de pensar: hum, que delícia!

A família era enorme e comia reunida, em volta da toalha bordada, pai, mãe, avó, filhos, netos, sobrinhos, afilhados, a comadre que ficou viúva, a solteirona que era irmã da avó da Mariquinha... e o bisavô Arquimedes. O bisavô Arquimedes usava dentadura.



Naturalmente, cada integrante tinha à sua frente o seu saboroso prato de tutu, couve, torresmo, feijão tropeiro, carnhina de porco, linguiça, etc. e tal. E todos mastigavam e repetiam porque a fartura, ali, em Montes Claros, naquele tempo, era um espanto, de tanta. E cada um evidentemente, tinha o seu copo. Pois os copos e o bisavô Arquimedes, diariamente, sofriam a seguinte brincadeira:

— Toninho, ocê vai beber deste copo aí, na sua frente? Olha que o bisavô deixou a dentadura dele de molho, bem no seu copo, Toninho, a noite passada!

— Num foi no meu, não: foi no copo da Maroca! O bisavô deixou a dentadura dentro do copo da Maroquinha!

— *Ó gente, num brinca assim que eu fico com nojo, uai!*

O velho bisavô Arquimedes ouvia, sorria, mostrando a dentadura.

Quando chegava o doce de leite, o queijinho, a goiabada, e uma tal de sobremesa que tem o nome de "mineiro-de-botas", que tem queijo derretido, banana, canela, cravo, sei lá que mais gostosuras, o pessoal comia, comia. E depois de comer tanto doce, a sede vinha forte, e a chateação começava, ou recomeçava, ou não terminava:

— Tia Santinha, não beba do copo da dentadura do bisavô, cuidado! Tenho certeza que a dentadura ficou no seu copo, de molho, a noite inteira!

O bisavô ouvia e ia mastigando, o olhinho malicioso, nem te ligo para a brincadeira, comendo a goiabadinha, o "mineiro-de-botas", o doce de leite, o queijinho... e mexendo a dentadura pra lá e pra cá, pois a gengiva era velha e a dentadura já estava sem apoio. Mas o bisavô tinha senso de humor... e falava pouco. O pessoal cochichava que ele era mais surdo do que uma porta. Bestagem, porque se existe coisa que não é surda, é porta: mesmo fechada, deixa passar cada coisa...

Um dia de repente, o bisavô apareceu sem a dentadura. E como todos perguntaram a ele o que tinha havido, o velho Arquimedes sorriu, um sorriso banguela, dizendo:

— *Ocês tavam perturbando demais, todos com nojo dela, resolvi não usar, uai!*

Aí, a família ficou sem jeito, jurando que não iria falar mais da dentadura, que tudo fora brincadeira, que todos adoravam o velho Arquimedes, que ele desculpasse.

— Tá desculpado, num tem importância. Eu já tava me aborrecendo com a história, mas tão desculpados. Mas até que tô achando bom ficar banguela: vou comer tutu e sopa... e doce de leite mole, ora!

A família insistiu, pediu perdão, mas o bisavô botou fim à conversa dizendo:

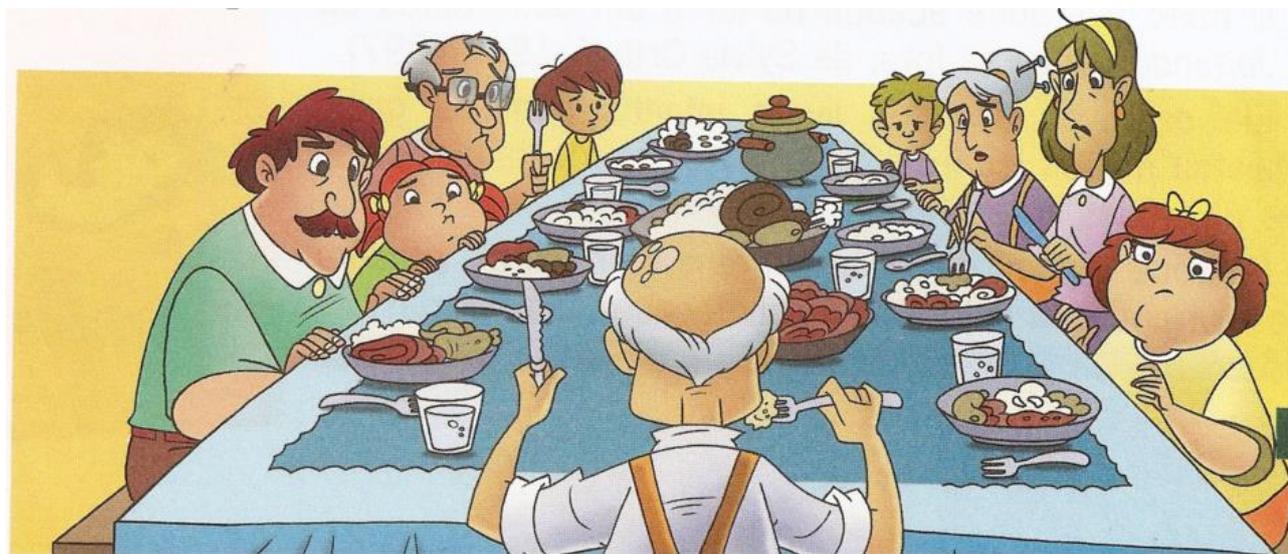
— *Ocês num insistam. Resolvi e tá resolvido. O dia que eu deixar de resolver, boto a dentadura outra vez!*

E passaram-se vários dias. Ninguém mais fazia a brincadeira do copo. De vez em quando, o bisavô lembrava:

— *Tô sentindo falta...*

— *Da dentadura, bisavô?*

— *Não, da traquinagem de ocês... ninguém tá com nojo de beber a água do copo, né?*



— Ora, o senhor não deve levar a mal, foi molecagem, a gente não faz mais, pode usar a dentadura, bisavô.

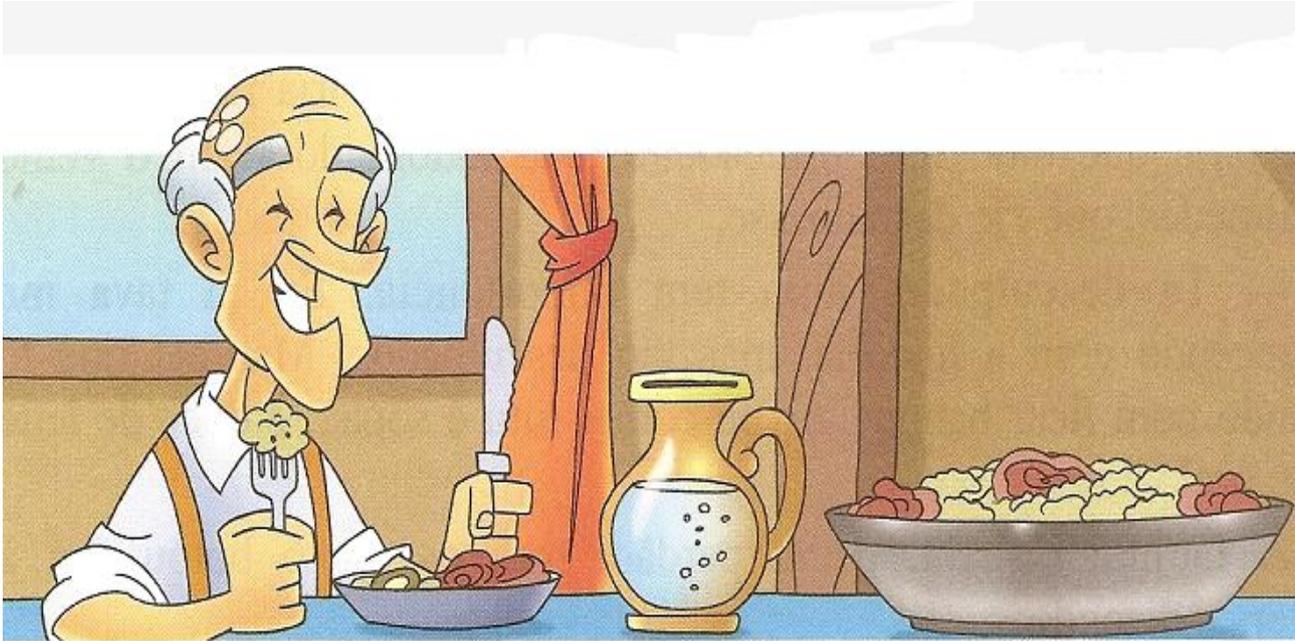
Um dia, de repente,, o bisavô voltou a usar a dentadura. Todos na mesa se cutucaram e começaram a rir, muito disfarçado, quando bebiam água, pensando... sem dizer, pois haviam prometido.

Depois da sobremesa, boca pedindo água, depois de tanto doce caseiro, o velho Arquimedes disse:

— *Ocês tão bebendo tanta água, sem nojo...*

— Bisavô, era brincadeira!

— Eu também fiz uma brincadeira: durante todo esse tempo que fiquei banguela, minha dentadura ficou de molho, dentro do filtro!



Sylvia Orthof. Jogando conversa fora, São Paulo, FTD 1998.

Vocabulário:

vetusta: antiga, muito velha

jacarandá: árvore que fornece madeira de lei (madeira dura, própria para construções e trabalhos expostos e variações climáticas), de cor escura e desenhos variados.

tutu: feijão que depois de cozido e refogado é engrossado com farinha de mandioca.

malicioso: cheio de vivacidade.

filtro: objeto que purifica a água fazendo-a passar por uma peça de cerâmica porosa.

Contar histórias sempre encantou o ser humano. As histórias – reais ou imaginárias – correm o mundo há séculos. Contar é narrar. Narrar é contar.

O conto que você leu é uma narrativa em prosa.

QUESTÃO 1

Quantos parágrafos há na história lida?

QUESTÃO 2

Qual o tipo de narrador do conto que você leu?

QUESTÃO 3

Espaço é o lugar onde ocorrem as ações, os fatos. Nesse conto, o narrador localiza os fatos em um espaço bem delineado. Onde ocorrem esses fatos?

QUESTÃO 4

Quais são, além do bisavô Arquimedes, as personagens do conto?

QUESTÃO 5

Algumas histórias contadas oralmente passam de boca a boca e não possuem marcadores de tempo para indicar ano, horas ou dia. O enredo é construído pelas ações da narrativa. Copie expressões do texto que indicam que o tempo em que as coisas acontecem é indeterminado.

Texto I



Garoto com banana, Almeida Júnior. 1897. Óleo sobre tela, 59cm x 44cm.

Chegou o momento de você criar o seu texto, como se fosse um causo, com os elementos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho.

Para produzir o conto:

- imagine a **situação inicial** que resultou na cena da pintura: para onde o menino estava olhando, onde ele estava, quem é ele;
- escreva qual seria o **conflito** da história;
- imagine o **clímax**, o momento de tensão;
- crie um **desfecho** que pode ser feliz, triste ou surpreendente.

Lembre-se de que sua história deve ter humor. O texto pode ser escrito em 1ª ou 3ª pessoa e em prosa ou em versos.

PLANEJAMENTO

RASCUNHO

-
1. _____
 2. _____
 3. _____
 4. _____
 5. _____
 6. _____
 7. _____
 8. _____
 9. _____
 10. _____
 11. _____

12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____

PASSANDO A LIMPO

-
1. _____
 2. _____
 3. _____
 4. _____
 5. _____
 6. _____
 7. _____
 8. _____
 9. _____
 10. _____
 11. _____
 12. _____

13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____

